



Tema 12

Interdisciplinaridade na estrutura da(s) história(s)

Em toda a educação e atividade formativa, o conto é fundamental, pois envolve múltiplas funções, simples ou complexas, desde a memorização a curto prazo à capacidade de “fabricar memórias”, desde a partilha de experiências coletivas ao puro divertimento. O conto determina uma compreensão mais profunda de si próprio e do mundo pela sua capacidade de envolver e encantar os ouvintes/leitores. Além da vertente “contar histórias”, o kamishibai era utilizado no Japão para atrair as crianças e vender-lhes doces, e para isso nada melhor do que contar uma história com imagens.

Quando as crianças produzem um texto para o kamishibai, é necessário ter em conta o facto de que mudam de papel. De público fascinado, passam a criadores de uma história que deve cativar o público.

Para isso, a narrativa do kamishibai plurilingue deve seguir algumas regras: frases curtas, personagens com características bem definidas, uma história simples e coerente na qual se possam introduzir palavras de outras línguas que sejam compreensíveis no contexto.

Os testemunhos dos diários de bordo dos projetos kamishibai mostram-nos o que tem sido feito pelos(as) professores(as) para a criação da narrativa, experiências evidentemente não exaustivas, mas que representam exemplos metodológicos concretos.

Na construção da história, o **ponto de partida** é certamente a leitura de kamishibais plurilingues para haver uma familiarização com a tipologia textual, que deve ser adequada a este tipo de recurso. A abordagem através do conto, segundo as idades ou a situação do grupo, pode ser igualmente pertinente. O elemento estimulador pode ser uma história lida, um filme, um poema, uma canção ou ainda uma discussão coletiva.

“A história do ‘Poussin et la noisette [O pintainho e a avelã]’ foi uma reformulação de uma narrativa, situada na floresta, que tinha como protagonistas alguns animais selvagens.” (Vale de Aosta, pré-escolar)

“Lemos histórias em formato kamishibai. As crianças ouviram a leitura do texto: “La chenille qui fait des trous” [A lagartinha muito comilona] / “Il piccolo bruco Maisazio” / “The very hungry caterpillar” / “Rupsje Nooitgenoeg” em diferentes línguas (...). De seguida estabelecemos as personagens, os lugares, o tempo e o cenário para uma história que as crianças inventaram por grupos e depois em conjunto.” (Vale de Aosta, escola primária)

“Elaboramos as histórias através de um debate com as crianças onde decidimos as personagens e o desenvolvimento das histórias.” (Vale de Aosta, escola primária)

“Foi a partir do filme-documentário “Home”, visto com a turma no início do ano, que os alunos imaginaram o tema e introduziram a ideia de passado, presente e futuro associado às personagens.” (Vale de Aosta, escola primária)

Esta fase de descoberta é normalmente introduzida, ou seguida, dependendo dos casos, por um trabalho sobre a história, por uma **reflexão sobre a estrutura narrativa** e por exercícios de **teatralização** e leitura em alta voz.



“[...] trabalhamos muito as emoções neste projeto: primeiro na recordação das memórias, depois na expressão do medo na redação da história e, finalmente, na expressão de diversas emoções durante a leitura (surpresa, medo).” (França)

Na elaboração da narrativa, a **colaboração no grupo** é fundamental, uma vez que é necessário pensar em como inserir as diferentes línguas de forma natural, verificar que a correspondência com a imagem é adequada e o texto coerente, compreensível, eficaz e, evidentemente, correto.

“À medida que os alunos crescem, a forma de utilizar o kamishibai diversifica-se, assim como os temas e a tipologia dos textos. De facto, ao ensinar uma turma de 5.º ano, abordamos primeiro as memórias e como contar a história no passado. Depois, os alunos escreveram o texto e, de seguida, corrigimo-lo em conjunto. Por fim, dividimos a história em pequenas partes.” (Vale de Aosta, escola primária)

“Cada aluno criou mini-pranchas relativas à história e construiu o seu próprio butai em cartão. As crianças redigiram os textos no computador e lemos a história em conjunto. De seguida, estabelecemos as personagens, os lugares, o tempo e o cenário para uma história que as crianças inventaram em pequenos grupos e depois em conjunto. A história foi escrita em treze sequências, correspondentes aos esboços efetuados para a criação das pranchas.” (Vale de Aosta, escola primária).

“Foi um prazer ver uma reflexão coletiva avançar para reflexões mais individuais e culminar num projeto comum, visível, apresentável e utilizável para outros fins pedagógicos (em particular a leitura). Foi um prazer misturar géneros (oral/escrita/ arte/história/geografia/conhecimento do mundo...) naturalmente e de acordo com as necessidades.” (França)

Trata-se, igualmente, de um **trabalho minucioso de revisão, de redação e reformulação, de adaptação às imagens** e vice-versa, no qual os diálogos também desempenham um papel importante, uma vez que dinamizam a cena e permitem, durante a leitura, a intervenção de várias vozes. Um trabalho que se revela laborioso, mas que, por via da colaboração e da vontade comum de criar uma história bonita, é levado até ao fim. As crianças, no papel de autores da sua obra plurilingue, envolvem-se neste projeto pedagógico, o que contribui para a motivação na aprendizagem no geral.

“Os alunos aprenderam a importância de reescrever, reler e de não ter medo de mudar as coisas. Compreenderam a importância da coerência global.” (França)

“Uma grande motivação para melhorar a sua escrita e a redação. Compreenderam que não se podia escrever de forma perfeita à primeira tentativa.” (França)

“Os alunos estão um pouco mais envolvidos na escrita: os do 4.º ano em particular e na sua maioria, melhoram os detalhes dos grupos nominais, fazem a diferença entre a linguagem falada e escrita.” (França)

“A produção escrita é provavelmente a atividade que os assusta mais. Os textos foram retrabalhados muitas vezes. Parece, pelo resultado final, que este trabalho tem sido benéfico.” (França)

E para verificar que a história funciona, a **leitura em voz alta** é o derradeiro teste:

“Os alunos foram obrigados a participar mais na parte oral para explicar as suas ideias ou ler os seus diálogos aos outros. Durante essas atividades, compreenderam que oralmente é necessário levantar mais a voz, articular, falar com o seu público e utilizar as estruturas gramaticais e o vocabulário estudado.” (França)

“As crianças foram levadas a formular frases corretas e coerentes, de forma a contarem a história.

A captação das vozes foi a oportunidade para retrabalhar a dicção. Ouvir a sua voz gravada permitiu às crianças ter consciência dos seus erros de pronúncia a fim de os corrigir.” (França)



Para além das competências da escrita, este recurso favorece a **aprendizagem da leitura**. A narração do texto insere a atividade de leitura num contexto significativo



que vai para além da repetição passiva das frases. A prática da leitura deixa de ser um exercício escolar estéril cujo único destinatário é o(a) professor(a). Torna-se necessário um trabalho específico para chegar a uma leitura em voz alta de qualidade para um público real. Além disso, a performance em público requer não só o domínio da técnica da leitura, para ganhar mais fluidez, mas também do paraverbal: entoação, articulação, fluxo, volume. O facto de o(a) leitor(a) estar parcialmente escondido

atrás do butai facilita a leitura, porque o palco funciona como um ecrã protetor entre o público e o aluno, que pode assim refrear o seu receio ou timidez.